

# A Propósito dos Depósitos Conchíferos no Litoral do Oeste Africano

ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA  
Da Divisão de Geografia do C.N.G.

Os estudos regionais de minúcia trazem grandes ensinamentos para a geografia geral. Dêste modo cabe-nos ter sempre em dia, não só os trabalhos feitos no Brasil, mas também os realizados no continente africano.

Desde algum tempo estamos nos dedicando ativamente ao estudo dos depósitos conchíferos que aparecem no litoral brasileiro. Acabamos de receber por gentileza, do diretor do Instituto Francês da África Negra, o tomo 9 do boletim do referido Instituto no qual encontramos uma monografia da autoria de J. JOIRE intitulada "Amas de coquillages du littoral sénégalais dans la banlieue de Saint-Louis" com 170 páginas, 35 figuras no texto e 11 em papel *couché*, além de uma vasta bibliografia.

Êste magnífico trabalho embora date de 1947 sòmente agora nos chegou às mãos, de modo que nos sentimos na obrigação de comentar a contribuição dada por J. JOIRE ao conhecimento dos depósitos conchíferos achados na zona litorânea do Senegal, como também assinalar sua importância para nós que possuímos na orla meridional, em parte do leste litorâneo e do norte, iguais acúmulos de conchas.

Começa o autor por historiar o problema apresentando as diversas opiniões dos que haviam tratado do ponto de vista geológico das conchas do baixo Saloum e do baixo Senegal, ou mais especialmente na região de Louga e S. Luís (Cap. do Senegal). À semelhança do que existia no Brasil uns consideravam as de S. Luís e Louga, como depósitos naturais e as do baixo Saloum como restos de cozinha. Todavia estas afirmativas eram feitas baseadas em hipóteses e em fatos dedutivos e não concretos ou científicos.

A técnica que seguimos aqui no litoral brasileiro ao realizarmos nossas pesquisas foi a do emprêgo do método geomorfológico, isto é, procuramos primeiramente estudar a estrutura do depósito. Para nós o elemento mais importante que permite discernir os depósitos artificiais, dos naturais (terraços) não é nem a forma, nem a altura mas sim a estrutura como tivemos oportunidade de provar em vários trabalhos<sup>1</sup>. Neste particular portanto discordamos em parte de J. JOIRE quando diz: "É sobretudo sua altura e sua forma que permitem reconhecer os testemunhos artificiais se ainda não foram abertos. Têm o aspecto de monte isolado sôbre o solo plano, sendo semelhante a um monte de seixos deixado na margem de uma estrada<sup>2</sup>. No nosso artigo publicado na *Revista Brasileira de Geografia* havíamos dito: "O estudo minucioso da forma dos sambaquis como o havia recomendado TEODORO SAMPAIO numa carta que respondera a uma consulta feita por A. A. DE MIRANDA<sup>3</sup> não tem nenhum valor morfológico. A descrição dos diferentes tipos de sambaquis não tem outro valor que o de uma fotografia instantânea de comparação, após os diversos anos de exploração para a fabricação de cal"<sup>4</sup>. Como se vê muito pouco valor deve merecer a forma externa ou melhor o aspecto do depósito de conchas. Hoje estamos convencidos de que parte da confusão existente na literatura sôbre a origem dos sambaquis deve ser devida a êste fato.

Em certa passagem de seu artigo J. JOIRE, apresenta discretamente o que consideramos como o maior argumento que se pode ter do ponto de vista geomorfológico para distinguir a origem dos depósitos de conchas dizendo: "Não é segundo a posição, mas segundo os caracte-

<sup>1</sup> Vide: ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA "Contribuição ao estudo da geomorfologia e do quaternário do litoral de Laguna (Santa Catarina) In: *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII, n.º 4, outubro-dezembro de 1950. "Notas sôbre alguns sambaquis e terraços do litoral de Laguna (Santa Catarina) In: *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 8, julho de 1951 (São Paulo); "Apreciações sôbre o valor dos sambaquis como indicadores de variações, do nível dos oceanos" In *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 91, outubro de 1950.

<sup>2</sup> J. JOIRE art. p. 193.

<sup>3</sup> AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA *Estudos Piauienses*, vol. 116 da Brasileira, 221 pp. e mapas. Ver cap. V "Sambaquis no delta parnaibano" pp. 79/99.

<sup>4</sup> A. T. GUERRA art. cit. (p. 542).

res morfológicos que se pode diferenciar os jazigos, e só o estudo particular de sua estrutura permite classificá-los segundo sua origem provável”<sup>5</sup>.

Ainda no decorrer do trabalho JOIRE procura justificar a importância da forma do depósito tipo monte, como sendo tipicamente artificial. Embora este raciocínio seja cômodo, preferimos aceitar apenas como científico o estudo sistemático e pormenorizado da estrutura de todo o depósito. Em Laguna, em Santa Catarina nos ocorreram inúmeros exemplos de depósitos artificiais sobre naturais<sup>6</sup>, os quais quando vistos de longe dão a idéia de depósitos artificiais em todo o seu conjunto.

A parte referente à origem dos depósitos de conchas foi feita por J. JOIRE segundo a seguinte classificação:

I — Camadas naturais:

- 1 — Depósitos não revolvidos (remanié)
- 2 — Depósitos revolvidos por agentes naturais
- 3 — Depósitos revolvidos pela ação humana.

II — Camadas artificiais:

Restos de cozinha.

Passa o autor a seguir a examinar de modo exaustivo uma série de exemplos enquadrados dentro da classificação acima. Todavia no que se refere aos depósitos naturais o autor não salienta a nosso ver, de modo claro o grande característico dos mesmos, qual seja o de possuírem uma estrutura definida — camadas horizontais, cruzadas ou entrecruzadas segundo a importância do agente mais influente na formação do depósito. Consideramos este trabalho de capital importância para os que desejam encetar pesquisas dos depósitos conchíferos, tal o conteúdo apresentado por JOIRE.

Refere-se também às funções desses montes artificiais dizendo que “sòmente um estudo dos kjoekkenmøddings feito de “proche en proche” ao longo das costas poderia estabelecer as relações desses depósitos e suas funções”. Finaliza o trabalho estudando do ponto de vista geográfico e geológico o problema dos depósitos de conchas. Para nós as camadas conchíferas depositadas pelos grupos humanos constituem jazigos arqueológicos, enquanto as resultantes do acúmulo feito por agentes naturais são os terraços<sup>7</sup>. E estes é que constituem argumento da maior importância para provar a variação do nível dos oceanos e os deslocamentos das linhas de costa.

Ao encerrarmos este breve comentário não podemos deixar de aconselhar a todos que se interessam pelo estudo do problema referente aos depósitos conchíferos quer de origem natural (terraço), quer de origem artificial, o trabalho de J. JOIRE para efeito de comparação com o que existe no lado leste do oceano Atlântico. Estes trabalhos regionais trazem exemplos da maior importância para as comparações gerais e a compreensão das variações do nível do mar no decorrer do quaternário ao longo do litoral atlântico nos diversos continentes. Ao lado desses dados de ordem geomorfológica, temos também as de ordem arqueológica e etnológica.

<sup>5</sup> J. JOIRE — art. cit. (p. 192). Introduzimos o grifo para destacar o que reputamos de capital nos estudos deste autor.

<sup>6</sup> Vide especialmente a fig. n.º 24 do terraço e sambaqui do Perrichil (p. 554 — *Revista Brasileira de Geografia* art. cit.).

<sup>7</sup> ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA “Terraços marinhos” In: *Boletim Geográfico*, ano VII, n.º 82, janeiro de 1950, pp. 1 158/1 161.

— “Variações do nível do mar depois do plioceno e métodos de estudo” In: *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 90, setembro de 1950, pp. 702/707.

— “Contribuição da geomorfologia ao estudo dos sambaquis” In: *Boletim Carioca de Geografia*, ano III, n.º 4 — Rio de Janeiro, 1950.